

Intersexualidade na literatura juvenil: em foco o livro *Menino de Ouro*

Caroline Amaral¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

Resumo: A partir da obra de Abigail Tarttelin: “*Menino de Ouro*” se objetiva investigar os significados que são (re)produzidos sobre intersexualidade no livro juvenil e analisar como as instâncias família e medicina, representadas no artefato, produzem a personagem Max Walker. Procura-se estabelecer nexos com algumas proposições de Foucault, bem como com algumas questões postas pelos Estudos Culturais e *Queer* nas suas vertentes pós-estruturalistas, por meio de uma Análise Cultural. O saber médico e a família se preocupam em trazer Max para o centro das normas de gênero, evidenciando a busca da linearidade sexo-gênero-sexualidade. Percebe-se que os corpos intersexuais borram fronteiras e colocam à prova os binarismos socialmente legitimados.

Palavras-chave: intersexualidade, literatura juvenil, artefato cultural, normal, anormal

Intersexuality: golden boy’s book in question

Abstract: From the reading of Abigail Tarttelin’s book, *Golden boy*, the objective of this work is to observe the meanings that are (re)produced about intersexuality on the youth book. Also, analyzing how different represented instances produce the character Max Walker. At the topic’s study, it establishes links to some propositions of Foucault, as well as some questions put by Cultural Studies and *Queer* in its post-structuralist strands. The medical knowledge that heckles Max Walker is concerned in bringing his body to the center of the gender standard, evincing the search for adequacy of bodies within the linearity sex-gender-sexuality. Based on the analysis it is noticed that intersexual bodies blur boundaries and put to the test the socially legitimated binarisms.

Key words: intersexuality, youth literature, cultural artifact, normal, abnormal

¹Graduação em Letras Português. Atualmente cursando o mestrado em Educação; pesquisa desenvolvida com o foco na literatura juvenil temas de gênero, sexualidade e corpo.

²Possui graduação em Ciências Licenciatura Plena em Biologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (1985), mestrado em Biociências pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1991) e doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2002).

Textura	Canoas	v. 19 n.39	p. 153-178	jan./abr. 2017
---------	--------	------------	------------	----------------

INTRODUÇÃO

“A literatura deve ser realmente o lugar onde podem surgir novas ideias que repensem o mundo.”
Salman Rushdie

Crê-se que a literatura impressa ainda possua o seu lugar no que diz respeito a constituição e educação dos indivíduos, mesmo diante desta expansão digital. Nota-se um investimento por parte de escritores/as e editoras em produzir histórias que se destinam a/à aos/às jovens. Diante disso, com base nas palavras de Salman Rushdie, este artigo é movido pelo desejo de analisar estas “novas ideias” que estão presentes na contemporaneidade.

Nota-se que, em contexto brasileiro, e também mundial, diferentes grupos sociais buscam visibilidade, respeito e direitos. Dentre esses grupos, que por vezes são chamados de minorias, destaca-se a luta dos sujeitos LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais). Frente à essas buscas por visibilidade e a preocupação das editoras e escritores/as em tratar de assuntos que sejam da atualidade, percebe-se que alguns livros juvenis produzidos na contemporaneidade trazem em suas histórias personagens e tramas baseados em sujeitos LGBTI.

Este estudo tem por finalidade investigar os significados que são (re)produzidos acerca da intersexualidade no livro juvenil contemporâneo *Menino de Ouro* (2013) analisando como a família e a medicina representadas no artefato produzem a personagem Max Walker. A partir das palavras de Salman Rushdie, vê-se na literatura juvenil uma potencialidade para problematizar e repensar a respeito das “verdades”³ do mundo. Tendo em vista que, segundo Silva (2010), enquanto artefato cultural, os livros de literatura juvenil contêm pedagogias, pois ensinam modos de ser e estar na sociedade, ao mesmo tempo em que são veículos, marcados por contexto social e histórico, por onde circulam “as verdades” deste mundo.

Com base nos Estudos Culturais, defende-se que os livros são artefatos culturais, pois estão constituídos por representações (re) produzidas e significados que circulam na sociedade. Por cultura, compreende-se o compartilhamento de signos por meio da linguagem, um dar e receber

³ Compreende-se verdade como uma produção sócio cultural, ela é produzida no e pelo mundo, é por meio dessa produz efeitos reguladores (FOUCAULT, 2015b).

significados que são comuns a uma sociedade, bem como a determinados grupos sociais. (HALL, 1997). Por conseguinte, os livros são produtos de uma cultura que constrói e define valores sociais. É nesse sentido que a literatura juvenil é entendida como uma produção cultural que pode constituir e legitimar formas de ser sujeito.

É através dos artefatos culturais que “verdades” circulam na sociedade, construindo representações. Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel e Luis Henrique Sommer (2003) defendem que os artefatos não se limitam à classificação de manifestações culturais apenas, mas que se constituem como artefatos produtivos, pois “são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado” (COSTA; HESSEL; SOMMER, 2003, p.38).

Assim, o livro *Menino de Ouro*, corpus de análise desta pesquisa, é uma produção cultural pela qual representações sobre ser sujeito intersexual são ensinadas, contêm pedagogias que ensinam comportamentos, atitudes e pensamentos a respeito da temática. Para Ribeiro (2002, p.93), o termo pedagogia é compreendido “como todas aquelas práticas e discursos implicados em relações de poder e de significação que, ao constituírem conhecimentos, desejos, valores, encontram-se implicadas na constituição das identidades/subjetividades.”

A análise cultural é aqui utilizada como um método de análise, nesse sentido, como um dos movimentos de análise cultural, observa-se o contexto em que o artefato cultural foi produzido acionando trabalhos acadêmicos que se detiveram a olhar para a produção midiática que abordam a questão da intersexualidade, como *Operações de Gênero – o filme XXY (2007) e a produção do corpo e do sexo como “naturais”*, de Luciana Fogaça Monteiro e Henrique Caetano Nardi (2009), *No Saber-acerca de XXY*, de Mauro Cabral (2008), “E se não há o que escolher?": a representação do intersexo no filme XXY, de Daniela Conegatti Batista e Miriam de Souza Rossini (2015). Ademais, a produção científica de Machado (2014a), intitulada: (Des)fazer corpo, (re)fazer teoria: um balanço da produção acadêmica nas ciências humanas e sociais sobre intersexualidade e sua articulação com a produção latino-americana. Nesse artigo, a autora realiza um mapeamento das produções acadêmicas de alguns campos de saber que vem se debruçando sobre a questão da intersexualidade. Na opinião da pesquisadora: “A produção

acadêmica brasileira sobre intersexualidade no campo da antropologia em particular, mas também nas Ciências Humanas e Sociais, é ainda tímida, embora se possa observar seu crescimento nos últimos anos”. (MACHADO, 2014, p.141).

Como uma forma de dar continuidade as discussões que já vem sendo realizadas no âmbito acadêmico, este artigo se constitui como um dos movimentos dentro do cenário de produções científicas acerca da intersexualidade. A fim de investigar os significados que são (re)produzidos sobre intersexualidade no livro juvenil e analisar como as instâncias família e medicina, representadas no artefato, produzem a personagem Max Walker. Para a escrita deste artigo, usa-se o Estudos Culturais, em uma vertente pós-estruturalista e alguns entendimentos da Teoria Queer para pensarmos sobre a possibilidade de corpos não-binários, além de conceitos como normal, anormal e normas de gênero.

ENTENDIMENTOS TEÓRICOS

Associa-se culturalmente ao sexo feminino àquelas pessoas que possuem uma vulva/vagina, e aqueles indivíduos que têm pênis classifica-se como pertencentes ao sexo masculino. A partir do sexo biológico, espera-se, molda-se, disciplina-se os sujeitos para que correspondam a linearidade coerente de sexo-gênero. Para Scott (1995, p.21) “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Assim, o feminino, assim como masculino, não é algo inato, natural, mas construído a partir dos significados que damos à materialidade biológica.

Na esteira desta pretensão de linearidade coerente, estão presentes regras heteronormativas, que são as organizações de costumes que normalizam o sujeito a fim de estabelecer formas consideradas corretas de viver a sexualidade. Considera-se que essas normas produzem sujeitos independentes de sua sexualidade. (MISKOLCI, 2013). Se anseia que a vulva/feminina/mulher se relacione com o pênis/masculino/homem, dentro de uma matriz heterossexual (LOURO, 2013). É pautada nestas equivalências que as “verdades”, os significados e os valores sobre os sujeitos são culturalmente estabelecidas. Conforme Louro (op. cit., p.90) “a coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades.” Ao entender o caráter fabricado,

construído e reiterado da hetenormatividade, busca-se colocar em suspensas verdades cristalizadas por meio da Análise Cultural e entendimentos *queer*.

Compreende-se que o gênero e a sexualidade não são do âmbito do natural, são construções sociais. Baseado em alguns entendimentos advindos da Teoria *Queer*, pensa-se além das fronteiras dos binarismos. Tal teoria, que se vale de áreas do conhecimento como antropologia e sociologia, possibilita colocar em xeque a ditadura do binarismo a partir de sujeitos intersexuais, visto que a Teoria *Queer* problematiza a norma- compreendida com uma pretensão de poder, capaz de qualificar e corrigir sujeitos, pelo seu caráter de exigência e coerção, por meio da estranheza (FOUCAULT, 2010). Um dos objetivos dessa teoria é discutir e desestabilizar o caráter compulsório da norma, mostrando o quanto as normas de gênero balizam posições de sujeito. Tal teoria é aqui acionada, pois, segundo Pino (2007, p.167):

A reflexão *queer* sobre os *intersex* permite verificar não só como os processos de incorporação do gênero criam identidades binárias, baseadas em distinções férreas entre homens e mulheres, mas também como os processos sociais criam, naturalizam, o corpo num parâmetro binário.

Para Butler (2015), refletir sobre as normas gênero é pensar a respeito das demarcações de posições de sujeitos, mais do que demarcar se um corpo é do universo feminino ou masculino, é compreender que a lógica binária é capaz de tornar um corpo socialmente legítimo ou não. Com isso se quer dizer que as múltiplas formas de ser sujeito não se esgotam no que tange a sexualidade, mas que também permeiam posições de sujeitos de direitos.

Nossas relações, convenções e constituição civil estão pautadas em uma sociedade que esteja próxima ao centro da normalidade, em sujeitos que se compreendam como masculino ou feminino. No que diz respeito ao sujeito intersexual, espera-se que esta/e assumam um gênero, logo uma sexualidade, para então partilhar de certos direitos civis, como, por exemplo, o registro do nome civil e registro do sexo na certidão de nascimento. A norma faz com que os ditos normais usufruam de sistema de saúde, educação, sistema jurídico, além de ter maior visibilidade midiática, os outros, ditos anormais, são passíveis de reeducação, deixados em segundo plano, ou mesmo excluídos, ignorados e excluídos. Logo, vê-se que aqueles/as que não se adequam às normas de gênero são tidos como anormais, sendo privados/as de vivenciar algumas convenções sociais. Para Foucault (2015a), a sociedade está pautada

no sexo, por essa razão se busca regular, vigiar e normalizar os sujeitos por meio do dispositivo da sexualidade.

A noção de sexo garantiu uma reversão essencial; permitiu inverter a representação das relações entre o poder e a sexualidade, fazendo-a aparecer não na sua relação essencial e positiva com o poder, porém como ancorada em uma instância específica e irreduzível que o poder tenta de melhor maneira sujeitar; assim, a ideia “do sexo” permite esquivar o que constitui o “poder” do poder; permite pensá-lo apenas como lei e interdição. (FOUCAULT, op. cit., p.169).

O ato de nomear e demarcar os corpos dentro do binarismo homem/mulher posiciona os indivíduos dentro de categorias, antes mesmo do seu nascimento. (LOURO, 2013). Essa categorização é que possibilita a idealização de um roteiro que tem como base de organização as normas socialmente impostas. Marcar um corpo como feminino ou masculino é colocá-lo dentro do jogo de obediência às normas, “a afirmação 'é um menino' ou 'é uma menina' inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete.” (Id, 2013, p.16).

No entanto, ao mesmo tempo em que a matriz heterossexual delimita os padrões que devem ser seguidos, se constituindo por meio de relações de poder e controle sobre a sexualidade, ela também possibilita desvios. As normas que regulam a matriz heterossexual também proporcionam transgressões e/ou resistências, mesmo com as ramificações das ações de poder reguladores. Foucault (2008) diz que não somos controlados por um Estado maior, distante de nós, mas que em contexto atual nós nos tornamos vigias uns dos outros, imersos em uma sociedade que busca controlar e disciplinar os sujeitos. Assim, o poder se encontra em constante circulação, um poder que está em rede.

Mesmo que se vigie a conduta do outro de forma minuciosa, há sujeitos que colocam em xeque as fronteiras estabelecidas socialmente, como é o caso dos sujeitos LGBTI, em especial, as/os intersexuais por conta de sua genitália considerada ambígua. Conforme Cabral (2001, p.119), ativista argentino intersexual, diz que “Somos “inaugurados” e “inauguradas” en el mundo a través de la respuesta a la pregunta primera, esencial: ¿es un varón o es una nena? La intersexualidad pon en suspenso, en muchos casos, la respuesta.”

São essas transgressões que apontam para diferentes modos de viver a sexualidade, viver o gênero, modos de assumir diferentes posições de sujeito, de construir identidades. (LONGARAY, 2014).

Devido à perspectiva teórica deste estudo, pós-estruturalista, crê-se que nossas identidades não partem de uma essência, mas que são produções, construções sociais. Nossas identidades não são fixas ou únicas, mas construções cambiantes, “não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto”. (LOURO, 2013, p. 13). É nesse sentido que se compreende o artefato cultural *Menino de Ouro* (2013) potente para discutir as normas culturalmente e socialmente instituídas enquanto produtoras de identidades, ao mesmo tempo que em promove a visibilidade de sujeitos que não se enquadram dentro desses binarismos.

Neste artigo, atenta-se ao personagem *Max Walker*, sujeito intersexual, que se constitui como transgressor na medida em que possibilita problematizar as normas de gênero e sexualidade que gerem o seu corpo.

INTERSEXUAL, QUE SUJEITO É ESSE?

Durante alguns anos, os sujeitos que nasciam com a genitália ambígua ou apresentasse uma discordância eram denominados como hermafroditas (MACHADO, 2012). A necessidade de mudança na nomenclatura surge a partir de ativistas que desejam distanciar o termo e os sujeitos de uma visão com base na patologia. De acordo com *Intersex Society of North America* (ISNA), uma mudança na linguagem pode contribuir com um maior respeito e aceitação dos/as intersexuais, uma vez que a linguagem também os constitui. Cabral (2001) afirma que, ao pensarmos a intersexualidade, hoje, é preciso considerar questões históricas, sociais, culturais e que é necessário afastarmos do imaginário pautado na mitologia.

É importante ressaltar que, segundo estudos feitos por Machado (2005) e Pino (2007), o/a hermafrodita se constitui como uma categoria dentro do que se compreende por intersexual, sinalizando que existem diferentes “estados intersexuais”.

Segundo Cabral (2005), um dos termos chave para compreender quem são os sujeitos intersexuais é a variação, de modo que “cuando decimos intersexualidad nos referimos a todas aquellas situaciones en las que el cuerpo

sexuado de un individuo variar respecto al standard de corporalidad femenina o masculina culturalmente vigente”. (CABRAL, op. cit, p. 283).

A partir de trabalhos como de Pino (2007), Machado (2005, 2008), Batista (2013), vê-se os/as intersexuais têm sido vistos como sujeitos que devem ser corrigidos, no contexto ocidental, se tem a necessidade de corrigi-los pela preocupação em enquadrar os corpos dentro da lógica binária existente. Segundo Pino (2007) e Machado (2005), ao nascerem, a família junto com a equipe médica, decide qual o sexo o bebê terá. São feitos alguns exames para observar a predominância dos cromossomos para dar início ao processo de transformação do sujeito com a pretensão de tornar homem ou mulher. A reparação do órgão genital não é por si própria satisfatória, por essa razão, muitos/as intersexuais passam por tratamentos com hormônios a fim de moldar o corpo de acordo com o sexo que lhe foi designado após o nascimento.

A cirurgia de reparação da genitália é permeada por aspectos sociais, médicos e jurídicos. Não é somente o comum acordo entre família e equipe médica que decide qual gênero terá o bebê, também há uma série de exames que buscam compreender qual o sexo biológico seria predominante. Machado (2005) aponta que a decisão por qual sexo “optar” tem como uma das bases questões de gênero. Quando se opta pelo sexo feminino, há a preocupação em tornar o órgão capaz de manter relações sexuais por meio da penetração, além de levar em consideração a questão da reprodução. Já quando se opta pelo sexo masculino, se considera a habilidade de ereção do pênis, o tamanho, a capacidade de sentir prazer, além disso, o pênis deve ser capaz de penetrar uma vagina, existindo também a preocupação com a habilidade reprodutiva e de urinar em pé.

Estes aspectos que são levados em consideração antes da realização da cirurgia de reparação da genitália retificam o quão socialmente se legitima a identidade heterossexual, ademais, vê-se tantas outras verdades naturalizadas sobre os sujeitos, apontando atitudes e comportamentos que são socialmente esperados para cada gênero: a mulher mãe, a mulher sexualmente passiva e o homem sexualmente ativo. Para Machado (2005, p.273), “esses critérios apontam para elementos estéticos a serem observados, [...], e também à avaliação do que é considerado mais funcional como, por exemplo, a preservação da capacidade reprodutiva e sexual.”

De acordo com as palavras de Oliveira (2012, p.48):

É necessário que essas pessoas desenvolvam gêneros inteligíveis, ou seja, é necessário que o sexo redefinido se adeque ao gênero correspondente, para que, na idade adulta, essa pessoa sinta desejo e atração sexual por pessoa do sexo oposto. A não adequação, o rompimento com a inteligibilidade é o que provoca a repulsa e a incompreensão social.

Assim, o fato de ter sua genitália operada não é o suficiente para tornar alguém homem ou mulher socialmente, é necessário regular e fazer a sua identidade de gênero se tornar visível, que esteja marcada no corpo por meio dos gestos, acessórios, comportamentos e desejo. Nesse sentido, mais do que adequar o corpo às normas, é preciso também adequar o seu desejo. Compreende-se que os sujeitos de gêneros inteligíveis são aqueles/as que mantêm uma relação coerente e de continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Para Butler (2003), os gêneros inteligíveis são construídos dentro de constantes proibições, ao mesmo tempo em que produzidos pelas próprias leis, é a busca pela ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente construído e o efeito de ambos na manifestação do desejo e prática sexual.

Segundo Machado (2005), ideia que vem ao encontro das palavras de Butler (2003), estudos sobre sujeitos intersexuais mostram que não só o gênero é socialmente construído, mas o sexo⁴. Assim, não estaria o gênero para a cultura e o sexo para a natureza, mas que ambos são categorias socialmente construídas.

Cabe ressaltar que ao dizer que o sexo é culturalmente construído não se está negando a existência de uma materialidade biológica. Pino (2007) afirma que o termo *intersex* trata-se de uma construção social, porém, tal termo representa uma condição biológica, tendo em vista que os corpos intersexuais apresentam características diferentes do que se considera masculino ou feminino.

Machado (2012) aponta que as regulações em torno do corpo intersexual são motivadas por diversos contextos, assim, não cabe apenas ao saber médico vigiar e normalizar estes sujeitos, pois “o gerenciamento da intersexualidade não se encerra no diagnóstico ou no ato cirúrgico, nem se

⁴Termo descritivo usado para as características anatômicas internas e externas que diferenciam homens e mulheres. Embora, essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, o significado que damos a elas são históricos e culturais.

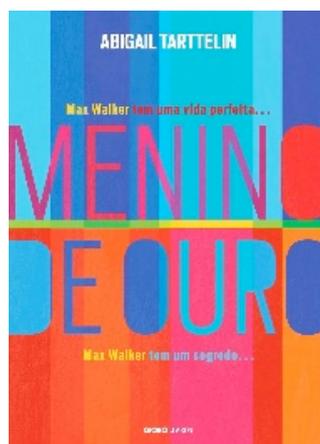
sustenta apenas no domínio biomédico.” (MACHADO, 2008, p. 67). O corpo intersexual é cotidianamente regulado, vigiado, na tentativa de ser corrigido. Porém, esta regulação não está presente apenas no saber médico, mas envolve a família, a escola, o ciclo de amigas/os dentre tantas outras redes de convívio (MACHADO, 2012).

É com base nestas outras instâncias, que são entendidas como pedagógicas, que as análises serão realizadas. A partir do artefato cultural selecionado, serão destacadas algumas cenas que retratam de que forma diferentes discursos vão interpelando e construindo a identidade da personagem Max Walker.

O ARTEFATO CULTURAL, MENINO DE OURO

Nesta seção serão apresentadas síntese da história, articulada com algumas análises, e informações sobre a autora do livro. Além das análises que estão imbricadas junto à apresentação do livro, duas instâncias sociais representadas no artefato serão destacadas a fim de observar como eles interpelam a constituição de *Max Walker*. As análises dessas instâncias estão divididas em dois subitens: instância social medicina e instância social família. Esses subitens são compostos por cenas narrativas extraídas do artefato cultural e análise das mesmas. A ideia de instâncias sociais enquanto espaços que também subjetivam os sujeitos estão pautadas na pesquisadora Guacira Lopes Louro, pois, de acordo com ela,

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p. 18).



Capa adaptada por: Adriana Bertolla Silveira

Em 2013, o livro foi escrito por Abigail Tarttelin. A autora nasceu na Inglaterra e atualmente reside em Londres, é escritora e atriz. Em seu site, a autora diz que é bastante interessada em compreender como a concepção de gênero nos afeta, ela se considera humanista – em seu entendimento, quer dizer que acredita no poder das pessoas e não da religião – e feminista, Abigail Tarttelin⁵ afirma “I try to support women, men and the non-binary to be able to live freely and equally without the repression of assumption or gendered thinking.” (Eu tento apoiar as mulheres, os homens e os não-binários para serem capazes de viver livremente e igualmente sem a repressão da suposição ou pensamento de gênero. *Tradução minha*)

O artefato cultural conta a história de *Max Walker*, o jovem de 16 anos que guarda em segredo a sua intersexualidade. *Karen* e *Steve*, seus pais, acreditam que esconder a intersexualidade do filho é um modo de protegê-lo, além disso, *Karen* é uma influente advogada da cidade de *Hemingway* e *Steve*, que também é da área do direito, está se lançando na carreira parlamentar, outras razões que os fazem manter em segredo a intersexualidade do jovem.

Karen conta que o *Steve* e ela tiveram dificuldade para escolher o nome que seria dado ao *Max*. Ela conta que, ao contrário do filho mais novo, *Daniel*, *Max* não lhe instigava preocupações sobre comportamentos, ela diz

⁵Sítio eletrônico de Abigail Tarttelin, disponível em: <<http://www.abigailtarttelin.com/>>.

que *Max* é um jovem tranquilo e educado, oposto do pequeno *Daniel*, que constantemente apresenta problemas na escola. *Karen* diz que “*Max nunca fez nada assim. De todo modo, em me preocupo com ele todos os dias, desde que nasceu. Ele deve ter vivido em um ambiente de pânico constante em seus primeiros cinco anos de vida*”. (p. 33). *Karen* afirma que a “perfeição”, no que concerne a comportamentos e valores, de *Max* é para ela uma espécie de “recompensa”. Ela afirma que:

Mas, enquanto crescia, *Max*, ele mesmo, nunca faz nada de errado. Não de fato. Às vezes, penso que já suportamos o nosso fardo; passamos os primeiros anos aterrorizados, sem saber como ele iria crescer, ou o que iria acontecer, e só agora começamos a curtir *Max* (p. 34)

Há todo um investimento, práticas de normalização, estratégias por parte dos pais para que *Max* cresça e se identifique com o gênero masculino, e que corresponda “coerentemente” ao desejo, ou seja, que se torne heterossexual, mas, a gravidez de *Max* o distancia ainda mais da norma, deste modelo ideal que fora estabelecido (FOUCAULT, 2008).

O nascimento de *Max* e sua juventude giram em torno da necessidade de moldá-lo dentro das normas regulatórias, sendo inaceitável que ele fica em “entre lugares”, ou melhor, “entre gêneros”. Para Butler (2003, p.48) “gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero.”

Ademais, o artefato possibilita pensar a dicotomia natureza e cultura. Posto que, *Max* foi categorizado como menina pelos especialistas ao nascer, porém, foi criado como menino. Quando sua mãe o leva a um especialista, *Dr. Flint*, diz que “*se tivesse sido feita antes então [a cirurgia], Max seria do sexo feminino, e isso seria um mero caso de gravidez na adolescência*” (p. 232). Assim, não nascemos sujeitos de um gênero, mas nos tornamos ao longo da vida.

Na noite em que *Max* está em seu quarto, enquanto seus pais estão na sala, o jovem sente vontade de se masturbar. No momento em que *Max* começa a se tocar, entra *Hunter*, melhor amigo (e o único que sabe do seu “segredo”), e estranho o fato de que um intersexual pratique a masturbação. Após dizer ao *Max* que não deveria se envergonhar por ter sido pego se masturbando, *Hunter* abusa sexualmente dele. Enquanto o abuso ocorre, *Hunter* diz coisas como “*Você não é nem menino e nem menina*”, “*Você é*

uma aberração”, “*Você é um garoto-mocinha*”, “*Não grite! Você quer mesmo que seu pai e sua mãe vejam o seu pauzinho de mulher?*” (p. 23). Essas falas fazem com que *Max* desestabilize suas certezas quanto a sua identidade de gênero, além disso, o abuso e o fato de ter sido penetrado fazem com que *Max* se questione se é menino. Ele chega a dizer que “*certamente, isso acontece com as meninas*” (p. 2). Desse modo, para *Max*, é “do natural” meninas serem abusadas.

Ao dizer que *Max* é uma aberração, *Hunter* reitera a norma e julga o corpo do jovem com base no que é considerado socialmente como normal e anormal. Mais do que colocá-lo na condição de anormal, *Hunter* reitera a ideia de que a intersexualidade de *Max* o torna um corpo sem valor algum, um corpo abjeto (GARBELOTTO, 2016). Essa negação do corpo de *Max* sinaliza a lógica binária dita como legítima, pois a pessoa “normal” é aquela que possui um alinhamento entre seu corpo (genitália), gênero (comportamento) e desejo (heterossexualidade).

O abuso e a gravidez, que acontece em decorrência do abuso sofrido, fazem com que o jovem se sinta, por vezes, confuso a respeito de seu gênero, ademais, o segredo de *Max*, que outrora vinha sendo silenciado, passa a causar preocupações por parte de seus pais. Trata-se de um intersexual que busca seu lugar no mundo, todavia, essa procura se torna mais árdua, porque depois que os médicos lhe dizem que ele não é nem menino e nem menina, ele passa por um dilema quanto a sua identidade de gênero. As falas direcionadas a ele, os lugares e as relações que a personagem estabelece se configuram como espaços educativos que o constituem. Nesse sentido, a sua identidade vai sendo construída na história por meio dos ecos de diversas instâncias sociais.

Após passar por diversos desafios, exames e discussões, *Max* é levado pela mãe a um hospital, onde realiza o aborto (mesmo contra a vontade do jovem) e realiza a cirurgia de reparação da genitália. Ao final da história, *Max* é operado para que seu corpo se adeque ao gênero com o qual se identifica, o masculino, além disso, o jovem acaba se apaixonando por uma colega da escola.

No entanto, nota-se que até os seus 16 anos ele não foi corrigido em sua materialidade biológica, na sua carne, mas sofreu diversas influências de estratégias durante a sua criação para que fosse corrigido, para que não se tornasse “um completo anormal”. Corroborando, que:

O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobre intervenções. É junto em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia na reeducação, da sobrecorreção (FOUCAULT, 2010, p. 50).

A intersexualidade de *Max*, o abuso e a gravidez fazem com o jovem seja entendido como anormal. Diante desses acontecimentos, nota-se que o livro traz à tona duas instituições que agem diretamente na construção da identidade do jovem: a medicina e a família. A fim de analisar de que forma estas estratégias de correção subjetivam a personagem protagonista, selecionou-se algumas cenas referentes à essas duas instâncias que se mostram potentes na tentativa de normalizá-lo. As instâncias foram destacadas devido à forte intervenção delas no que diz respeito a *Max*.

INSTÂNCIA SOCIAL: MEDICINA

A instância médica é aqui entendida como uma forma de controle e regulação dos corpos, devido ao seu caráter de “ciência legítima” na sociedade. Foucault (2015a) menciona, em *História da Sexualidade I*, a existência de uma “medicina do sexo”, que junto ao campo de saber da Biologia inscreveu no sexo o caráter de objeto de interdição e lei, por meio dele que se busca conhecer “a verdade” sobre os sujeitos. Para o filósofo, a medicina se constitui como saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo, sobre o indivíduo, e também sobre a população, é um campo de saber que opera sobre o organismo e sobre os processos biológicos, e, é nesse sentido que, a medicina tem efeitos disciplinares e regulamentadores.

Nas cenas que serão destacadas do artefato cultural em questão, pode-se perceber que o saber médico é convocado a analisar, pensar e normalizar o corpo de *Max*, mostrando o seu caráter de saber-poder. Segundo Foucault (2015b), em *Microfísica do Poder*, o exercício do poder acaba por proporcionar a emergência do saber, ao mesmo tempo em que o inverso também é possível, tendo em vista que estar em determinado campo de saber também acaba por suscitar, acarretar em efeitos de poder.

Max se vê confuso e ferido dias após o abuso, além de sentir desconfortos e ter constantes crises de vômito, depois de certo tempo, a personagem decide procurar a clínica geral, *Archie*. É ela quem vai aproximar o

jovem da sua própria história, pois *Archie* começa a romper com o silêncio que permeia *Max*, além de ajudá-lo a compreender melhor a si mesmo.

Depois que *Archie* se depara com ele, a profissional começa a repensar sua própria formação médica e de que forma ao longo dos anos os/as médicos/as são preparados/as para lidar com a questão da sexualidade, em especial com os/as intersexuais.

Ontem à noite reli meus antigos livros, esperando encontrar uma seção inteira na qual eu talvez não tivesse reparado antes, mas não havia nada. Nem havia muito sobre sexualidade. Ela surgiu nas aulas básicas sobre endocrinologia e anatomia; doenças sexualmente transmissíveis foram cobertas nas aulas de doenças infecciosas; a disfunção erétil foi coberta de maneira bastante puritana dentro de seções sobre urologia, diabetes e efeitos colaterais de medicamentos. Os intersexuais propriamente ditos não recebem sequer menção em nenhum dos meus livros (p. 104)⁶.

Diante da reflexão da personagem médica nota-se que a invisibilidade dos sujeitos intersexuais perpassa também pelo campo da medicina. Contudo, ainda a partir da fala de *Archie*, vê-se que o artefato cultural também aponta para uma outra representação da postura de médicos/as frente ao sujeito intersexual: o desejo de conhecer-lhe na minúcia. A cena a seguir mostra o momento que *Archie* se depara com os exames de *Max*. A médica solicita os exames de *Max* que foram feitos quando ele ainda era bebê.

Olho para o arquivo dele novamente. (...) O de *Max* tem papéis transbordando pela pasta de papelão (...). Os papéis incluem: possíveis diagnósticos desde nascimento, depois do diagnóstico final, com vários adendos inseridos em anos posteriores, conselhos e opiniões de inúmeros médicos a respeito de cirurgias, o que deveria ser feito, o que poderia ser feito para preservar a fertilidade, referências posteriores a uma declaração em consenso sobre gestão de pacientes com diagnóstico de intersexual redefinido por *Max*, depois uma lista de hormônios aconselhados e em seguida utilizados em tratamento, incluindo a documentação de injeções e sequências de comprimidos ministrados (p. 60).

⁶ Os trechos que estão em itálico e em tamanho 12 foram assim sinalizados para atentar o/a leitor/a para a diferença entre trechos de base teórica e trechos extraídos da obra analisada.

Machado (2012) aponta que a história da intersexualidade é marcada por discursos médicos que a classificaram como patológica. Com base no *Consensus Statement on Management of Intersex Disorders* (CONSENSO DE CHICAGO), classifica-se a intersexualidade como um Distúrbio no Desenvolvimento Sexual (DSD). Ao classificá-lo como anormal, nota-se a inquietação de conhecer nos detalhes o corpo destes sujeitos. Com base em Foucault (2008), vê-se que há preocupação em calcular, medir, esquadriñar estes sujeitos, que se configuram como um risco para população a fim de que não se tornem “um mal” sobre o qual não se tem controle (para que não se tornem perigo).

Diante destas duas cenas que retratam a postura médica diante da personagem, percebe-se que o desconhecimento inicial por parte da clínica geral lhe causa um desconforto, ao mesmo tempo em que os exames médicos feitos em *Max* apontam que há um desejo em conhecer quem é este sujeito a fim de governar, normalizar o seu corpo, a fim de trazê-lo para o centro da norma. É por meio do corpo de *Max* que se busca encontrar “a verdade” sobre ele.

Uma das formas de intervenções médicas em relação ao *Max*, além da cirurgia de reparação da genitália, é a utilização de medicação, como o uso de hormônios. Quando *Archie* questiona *Max* a respeito de como ele se sente em relação a sua condição de intersexual, o jovem admite pouco saber sobre as implicações de ser *intersex*. *Archie* pergunta: “*Os seus médicos não conversam com você sobre cirurgias e medicamentos?*” (p. 64), ele responde que não. Cabral (2001) afirma os/as intersexuais são marcados, algumas vezes, pela privação de sua própria história, de compreender a si mesmo, como se seu corpo pertencesse a todos, menos ao próprio sujeito *intersex*.

No trecho a seguir, destaca-se a visão de *Max* sobre as intervenções, a postura médica e exames realizados:

Sempre falava sobre mim, para minha mãe ou para o meu pai ou para outros médicos. Eles raramente me perguntavam coisas, mesmo quando eu poderia ter lhes dado a resposta (...) Eu era um caso de estudo interessante para eles, uma experiência(p. 69).

Para Machado (2005), uma das características que se espera de médicas/os é a capacidade de olhar para sujeitos e seus corpos visando classificar e diferenciar o que é considerado “normal” e o que é patológico”. A busca pela ciência, em especial a médica, por traçar médias, estabilidades,

normalidades, faz com que se legitime o que é normal, sem considerar tantas outras identidades. Na busca por estabelecer uma normalidade acaba-se classificando muitas outras práticas, ou mesmo sujeitos em “anormais”. Nádía Pino (2007, p.5) coloca que os intersexuais

São corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico. Esta “não-humanidade” ou “anormalidade” justificará as intervenções médicas com o intuito de adequá-lo ao ideal do dimorfismo sexual.

Max fica confuso diante das falas proferidas pelos/as médicas/os: *Dr. Flint*, o especialista, diz que o jovem deve fazer a cirurgia para torna-se menina, pois acredita que este é o sexo/gênero verdadeiro de *Max*. *Archie* aconselha que ele deve optar pelo gênero com o qual se identifica. Além de *Flint e Archie*, *Max* passa por algumas/alguns médicas/os de Londres que o classificam como do sexo/gênero masculino e outros como feminino. Na história, ele é enquadrado na categoria hermafrodita verdadeiro⁷. Nas palavras Machado (2005, p.263), o sexo “emerge como uma categoria médico-diagnóstica”, tendo em vista as disputas e negociações feitas por profissionais médicos com a intenção de descobrir “a verdade” sobre o sexo. Vê-se que os ditos sobre *Max*, as categorizações que interpelam a personagens, estão imbricadas em meio a relações de poder-saber, de modo que os/as médicos/as funcionam como vozes autorizadas e ditar “o verdadeiro sexo/gênero” do protagonista. Corrobora-se com as palavras de Louro (2009, p. 86), “determinadas relações e estratégias de poder sustentam-se através desses saberes e “verdades”.

Se *Max* é considerado por outros e pela instância médica como alguém que não pertence ao gênero feminino e nem ao masculino, poderia ser *Max* um corpo “desgenerificado”? Segundo Salih (2012, p.105), “se aceitamos que o corpo não pode existir fora do discurso “generificado”, devemos admitir também que não existe nenhum corpo que não seja já desde sempre, “generificado.”

⁷Também pode ser denominado de hermafroditismo autêntico. As pessoas HV possuem, simultaneamente, tecido testicular e tecido ovariano os quais podem se constituir de várias formas. Hermafroditas verdadeiros, os cariótipos possíveis são 47, XXY, 46, XX/46, XX ou 46, XX/47, XXY (TATTELIN, 2013).

Max é um exemplo de “entre lugares”, do sujeito *queer*, visto que se configura como indivíduo que desestabiliza a identidade sexual hegemônica, ao mesmo tempo em que rompe com as linhas de coerência.

INSTÂNCIA SOCIAL: FAMÍLIA

O poder se faz presente em toda parte, ele não está concentrado em um único lugar, ou mesmo exclusivo a um Estado (FOUCAULT, 2015a). É nesse sentido que o filósofo francês aponta a família como uma instituição normalizadora, pois é nela que somos incitados/as a aprender a governar nossas vidas, nossas atitudes, nosso corpo, nossa sexualidade. Aprendemos a conduzir nossas condutas em direção ao centro da norma. A família é compreendida como potente instância social, pois é “instância de controle e ponto de saturação sexual” (FOUCAULT, op. cit., p. 131). Para, além disso, tomam-se como base as palavras de Foucault (2010):

O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que é o campo do aparecimento do indivíduo a ser corrigido. (FOUCAULT, 2010, p. 49)

O artefato cultural também traz a visão dos pais de *Max* a respeito de sua intersexualidade. *Karen*, a mãe do jovem, fala sobre o sentimento em relação ao filho logo que nasceu:

Você ouve sobre coisas erradas acontecendo durante um parto, mas quando está grávida, e em trabalho de parto, nunca acha que vai acontecer com você. Ninguém pensa que o seu bebê vai ter um problema. E, então, aconteceu com o meu bebê, (...), porque na hora de dar à luz, de fazer a coisa mais importante que eu poderia fazer por Max, algo deu errado (p. 33).

Na visão da personagem *Karen*, pode-se perceber que a intersexualidade é vista como algo negativo, algo que “deu errado”. Canguçu-Campinho (2012) aponta que em relação a intersexualidade, as famílias são atingidas pelo discurso médico de patologização, fazendo com que os familiares criem significados próprios a fim de descrever e mesmo compreender a situação. Nesse sentido, ainda segundo a autora, “é no diálogo entre os vários discursos sociais que a identidade do intersexual é configurada” (Id., 2012, p. 26). A partir da cena que foi extraída do artefato, nota-se que não só o saber médico constitui a identidade da personagem protagonista, mas a

forma como sua família lida e descreve a sua condição de intersexual também o interpela.

A cena acima descrita aponta para os discursos da maternidade que vão interpelando mulheres a fim de torná-las sujeitos mãe. (MARCELO, 2003). *Karen* se diz culpada pela intersexualidade do filho, tanto que afirma que a coisa mais importante que poderia fazer por *Max*, ou seja, “lhe dar a vida”, deu errado. *Karen* diz que durante a criação de *Max* sempre tomou bastante cuidado a fim de não cometer mais erros.

Leah [sua amiga] foi a primeira pessoa em quem confiei para contar sobre a condição de Max, e Hunter [filho de Leah] sabe a respeito disso desde que tinha quatro anos. Ele era jovem quando descobriu, tomando banho com Max antes de dormirem, mas pareceu compreender aquilo tanto quanto uma criança poderia. Nós apenas lhe dissemos que Max é diferente. Max é especial (p.12).

Apesar de a intersexualidade de *Max* ser um segredo para muitas pessoas, ele sabe que sua intersexualidade seja compartilhada com poucas pessoas. Até os 15 anos, ele convive com o silêncio e aceita a sua condição, porém, é por volta dos 16 anos, e depois da violência sofrida, que ele não sabe ao certo quem é, ou em suas palavras, desconhece o que ele é.

Max chega a dizer para *Archie* que em sua casa pouco se fala ou se falou sobre a sua condição de intersexual, “*bem, nunca falamos sobre isso, mas... isso nunca foi um problema. É só uma coisa. Eu não sei. É uma daquelas coisas que você tem que aceitar*” (p. 64). A partir destas cenas, vê-se que o não falar sobre a intersexualidade também constitui o jovem. Mantê-la em segredo, é, por vezes, uma atitude da família com a intenção de preservar estes sujeitos. Canguçu-Campinho (2012, p.56) aponta:

O nascimento da criança intersexual é envolto por um pacto silencioso entre a família e os profissionais de saúde. Acredita-se que a integridade emocional do intersexual é mantida através da privacidade e da prática do segredo. Só a família deveria saber sobre a situação da pessoa intersexual.

Esses silêncios, em alguns casos, podem impossibilitar o próprio sujeito intersexual de conhecer sua história, de conhecer a si mesmo. Como é o caso de *Max*. O ativista intersexual Cabral (2001, p. 122) diz que “la intersexualidad funciona como um orden donde el secreto es el trabajo imperativo. Secreto de lo fallado, secreto en la novela familiar que esconde,

em la mayor parte de los casos por consejo médico- la historia de la intervención sobre los cuerpos”

A decisão de não realizar a cirurgia foi significativa, pois mesmo com todo o discurso médico, *Steve*, seu pai, resolveu que quem deveria tomar a decisão seria *Max*. Quando o jovem questiona a sua mãe a respeito do motivo pelo qual não passou pela cirurgia após o nascimento, já que *Karen* deixa claro que ela fora favorável à cirurgia, a mãe explica:

— Ele... [Steve] — (...) —... impediu que tirassem fotos de você sem calça. Depois dos hormônios, quando você tinha treze anos, ele me convenceu de que não devíamos levar você de volta aos médicos. Ele disse que eles só queriam documentar o seu caso e colocá-lo sob observação e escrever artigos sobre pessoas como você para crescer na carreira.(...) Ele foi o único que disse que não podiam fazer cirurgias até que você pudesse decidir por si mesmo. Ele disse que era mutilação (p. 242).

Para o pai de *Max*, a adequação da genitália do jovem não era o mais importante, pois *Max* fora diagnosticado como um bebê saudável. O posicionamento da personagem *Steve* se assemelha à uma das lutas dos movimentos ativistas hoje. Canguçu-Campinho, Bastos e Lima (2009) apontam que a discussão de saúde em torno do *intersex*, em contextos brasileiros, entende que a garantia da saúde destes sujeitos se dá logo após o nascimento, pois a ideia de saúde se encontra no tratamento, na cirurgia reparadora e no adiantamento de registro civil. Já em contexto internacional, como as lutas feitas pelo *Intersex Society of North America* (ISNA) e a Organização Internacional de Intersexuais (OII), compreende-se que a garantia de saúde dos sujeitos intersexuais teria relação com a liberdade de escolha pelo próprio sujeito, quando em fase adulta, de realizar a cirurgia.

Com base nas cenas narrativas, vê-se a construção da intersexualidade por parte da família, nota-se, por meio das falas das personagens *Karen e Steve*, que o saber médico também constitui a forma como a família lida e entende a intersexualidade. Canguçu-Campinho (2012), após entrevistar algumas famílias, aponta que “no caso das crianças intersexuais, o advento do nascimento repercute de forma direta na dinâmica familiar. Ao se deparar com a indefinição dos genitais, as expectativas em torno da criança são no primeiro momento frustradas.” (CANGUNÇÚ-CAMPINHO, 2012, p. 69). No entanto, percebe-se que há resistência à tentativa de enquadrar o corpo de *Max* dentro de binarismos.

Frente as instâncias sociais, é possível perceber que o saber médico e a família se constituem como instâncias que interpelam e controlam os corpos intersexuais, ao mesmo tempo em que incidem sobre a construção da identidade destes sujeitos. São instâncias que criam estratégias com a intenção de trazer o sujeito para o centro da norma. Foucault (2010, p.72) diz que “o contexto de referência do indivíduo a ser corrigido é muito mais limitado: é a família mesma, no exercício de seu poder interno ou na gestão da sua economia; ou, no máximo, é a família em sua relação com as instituições que lhe são vizinhas ou que apoiam.” Frente as palavras do autor, e diante das cenas narrativas extraídas do artefato cultural, vê-se que a família é apontada como uma influente instância no que concerne a regulação e adequação dos corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e as relações que a personagem estabelece sinalizam que a sexualidade, o corpo e o gênero moldam as relações sociais e as posições de sujeito que *Max* ocupa. No entanto, essas categorias podem enquadrar, ou não, os sujeitos, isso mostra o quanto as normas de gênero podem e devem ser questionadas. *Max Walker* se torna uma personagem contemporânea que traz para discussão os discursos que atravessam o universo da juventude e pedagogias culturais sobre a intersexualidade.

Max é visto como “anormal” porque se afasta da maioria das pessoas com quem é comparado. Ele é contraposto a partir da ideia de existência de um modelo ótimo, um padrão ideal. Vê-se que classificação dos sujeitos enquanto normais e anormais é relacional, pois é com base no hegemônico que se costuma classificar quem é o “outro”, o estranho.

Ao considerar as idealizações de corpos, os padrões estabelecidos como normais, percebe-se que os/as intersexuais são vistos como sujeitos a ser corrigidos. Vê-se que esses sujeitos se encontram distantes do centro da norma, mas não é permitido a eles ter uma vida habitável nessa margem, pois há constantes intervenções, exames e estudos a fim de conhecê-los e governá-los. O/a intersexual é um corpo que instiga e põe em suspenso aquilo que é instituído como padrão.

Mesmo compreendo o caráter normalizador que a família e a medicina exercem sob *Max* aponta-se a postura de *Archie*, a clínica geral, e *Steve*, pai de *Max*, como transgressoras, tendo em vista que questionam a necessidade de o jovem ter de se enquadrar dentro de binarismos, ou mesmo que escolha o

gênero com qual se identifica. As posturas desses personagens representam “outras” formas de entender e viver a intersexualidade. São posturas de resistências que vem ao encontro de lutas contemporâneas, que se empenham em afastar a intersexualidade de uma visão patológica, mostrando a importância da autonomia, do poder de escolha dos/as intersexuais. Aspecto que é constantemente citado nas falas de ativistas como Cabral (2001, 2005) e Cangucú-Campinho (2012). Nesse sentido, dentre outros, que a análise de artefatos culturais se mostra potente, tendo em vista estas posturas de enfrentamento e luta por mudanças nas formas como a sociedade lida com a intersexualidade.

Olhar para *Max* enquanto sujeito *queer*, é pensar os paradoxos que permeiam as normas de gênero não só de sujeitos intersexuais, mas também de todos/as. Os/as intersexuais visibilizam as experiências normativas compulsórias que regem os corpos e as identidades. Uma reflexão *queer* acerca da intersexualidade problematiza as normas exigentes que posicionam e normalizam o ser homem e o ser mulher na sociedade, mostrando que essas posições de sujeito não são naturais, mas construções culturais.

Os estudos *queer* possibilitam pensar a organização social contemporânea dando uma maior visibilidade aos sujeitos que ocupam as margens. A intencionalidade não é necessariamente trazer estes indivíduos para dentro da lógica da organização binária, mas pensar os sujeitos enquanto indivíduos que não organizam a sua vida dentro das convenções que foram culturalmente legitimadas como normais.

Ao abordar tal tema vê-se que o artefato contém pedagogias sobre intersexualidade, sinalizando o quanto somos sujeito de gênero por meio de ecos culturais, que o “ser mulher” e o “ser homem” são construções culturais. Para, além disso, vê-se que o artefato nos leva a pensar sobre a possibilidade de seres não-binários, de entendermos os/as intersexuais como sujeitos legítimos, desconstruindo a intersexofobia. Por conseguinte, a análise do artefato cultural permiti que se possa pensar a educação e os sujeitos para além das convenções sociais estabelecidas socialmente. Ademais, aponta-se para a potencialidade das pedagogias que se fazem presentes no artefato, mostrando que a educação está para além dos muros da escola, que se faz presente em todos os espaços por onde circulamos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Mauro. *Pensar la intersexualidad, hoy*. 2001. Disponível em:

<<https://goo.gl/fny12w>>. Acesso em: 25. Set. 2016.

CABRAL, Mauro. Cuando digo intersex: un diálogo introductorio a la intersexualidad. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.42, p.283-304, jan/jun. 2005. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100013>. Acesso em 30 de Setembro de 2016.

_____. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.42,p.249-274, jan/jun. 2014. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100249&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 de Abril de 2016.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, Ana Karina Figueira. *A construção ideológica em pessoas intersexuais: o x e y da questão*. 2012. 204f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) -Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, Ana Karina Figueira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa Bittencourt; LIMA, Isabel Maria Sampaio Oliveira. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4,2009.p.1145-1164.

COSTA, Maria Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, 200n.23,São Paulo, n.23,p.36-61,2003. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/275/27502304.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

FOUCAULT, Michael. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)* São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 73-116.

_____. *Os anormais*: curso do Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. 2 ed. São Paulo, Paz e Guerra, 2015a.

_____. *Microfísica do Poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

GARBELOTTO, Filipe de Campos. *Intersexualidade e Abjeção*. 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384881164_ARQ_UIVO_FilipeCamposGarbelotto.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2016.

HALL, S. The Work of Representation. In: (Org.) *Representation Cultural: representations and signifying practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LONGARAY, Deise Azevedo. *A (Re)Invenção de Si*: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais. 2014. 227 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério (org). *Diversidade Sexual na Educação*: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, Unicamp, v. 19, n. 2, p. 56, maio/ago. 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu*, n.24, jan./jun. 2005, p. 249 – 281. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a12.pdf>>. Acesso em 14 de março de 2016.

_____. *O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade*. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. Intersexualidades, intersexualidades: notas sobre alguns desafios teóricos, metodologias e políticos contemporâneos. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (org.). *Discursos fora da ordem: sexualidade, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2012. p. 179 – 196.

_____. (Des)fazer o corpo, (re)fazer teoria: um balanço de produção acadêmica nas ciências humanas e sociais sobre intersexualidade e sua articulação com a produção latino-americana. *Cadernos Pagu* n. 42, jan/jun., 2014, p. 141 – 158.

MARCELO, Fabiana de Amorim. *Dispositivo da Maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. 2003. 182 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MISKOLCI, Richard. Estranhando a educação. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 35-50.

OLIVEIRA, Ana Caroline de Albuquerque. *Corpos estranhos? Reflexões sobre a interface entre a intersexualidade e os direitos humanos*. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) –, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2012.

PINO, Nádía Perez. *A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos*. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2015.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese (Doutorado em Bioquímica)-, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Curso de Pós-Graduação em Bioquímica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, p. 71-100, jun./dez. 1995.

SEFFNER, Fernando. A produção da diversidade e da diferença no campo do gênero e da sexualidade: enfrentamentos ao regime da heteronormatividade. In: KIRCHOF, Edgar Roberto (org). *Estudos Culturais & Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões*. Canoas: Ed. ULBRA, 2015. p. 193 -2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em 30/05/2016
Aprovado em 04/10/2016